

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRASIL

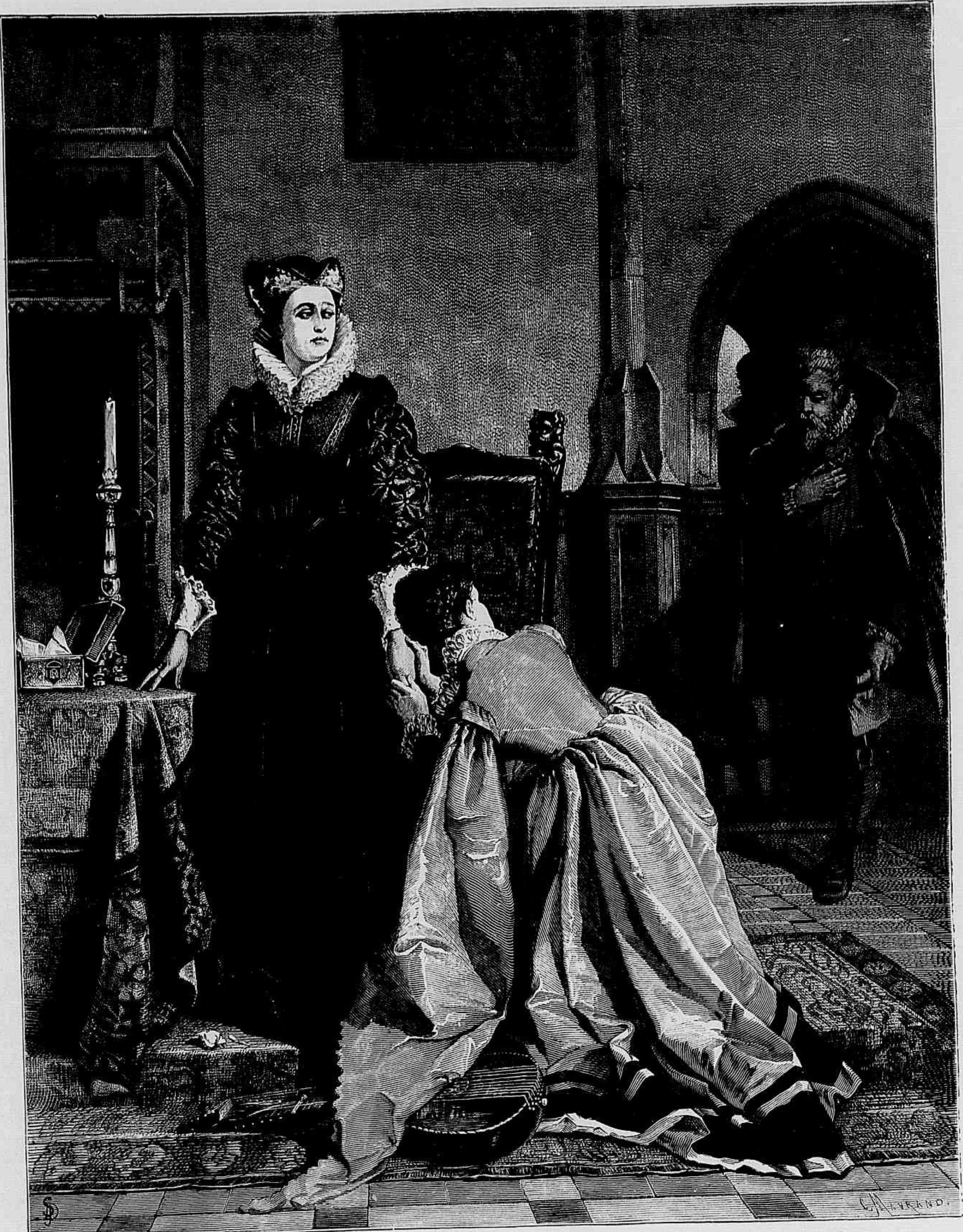
AGENTE NO BRAZIL : SERAFIM JOSE ALVES
Rua Sete de Setembro, 83, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa

VOL. I.

PARIS, 31 DE MARÇO DE 1878.

NUMERO 8.



LEITURA DA SENTENÇA DE MORTE DE MARIA STUART

QUADRO DE WEHLE

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris,	Guilhermino de Sa
Maria Stuart	
Uma Senhora de Respeito	
Ricardo Wagner	
Costumes Portuguezes — A Sesta.	Fernando Caldeira.
Leão XIII	
O assassino	Camillo Debans.
Elias, Achab e Izabel na vinha de Naboth.	
O Correio Geral de Chicago.	
Revista bibliographica.	João Tedeschi.
Variedades.	

GRAVURAS

Maria Stuart — Uma Senhora de Respeito — Ricardo Wagner — Leão XIII — Elias, Achab e Izabel na vinha de Naboth — O Correio Geral de Chicago.

CORREIO DE PARIS

~~~~~ Devemos primeiro que tudo responder em breves palavras a muitas observações que amigavelmente nos tem sido dirigidas ácerca dos insignificantes artigos que sobre a epigrapha acima temos escripto.

Uns desejam que este correio seja chronica dos acontecimentos de Paris durante o mez. Outros querem que não deixe passar desapercebido o ultimo livro, a ultima peça de theatro, o ultimo discurso academico. Nada d'isto é possivel. O espaço de que dispomos é tão restricto que se quizessemos satisfazer esses desejos produziamos um trabalho ainda mais imperfeito e incompleto que o que temos feito até aqui. Em Paris não é o assumpto que falta. Abunda pelo contrario. Do que muitas vezes se carece, e no caso presente especialmente, é de habilidade para o tractar. Ainda quando não faltasse espaço não satisfariamos á indole d'esta publicação que não é de modo algum noticiaria nem incumbida de acompanhar a actualidade. Os assumptos d'este artigo são tomados ao acaso por uma parte e por outra, sem distincção nem proposito firme, e naturalmente, sendo dados de Paris, não tem mais pretensões do que apresentar por uma forma ligeira e comesinha as diferentes impressões do modo de viver da sociedade parisiense.

~~~~~ São quatro horas da tarde. O tumulto aumenta nos *boulevards*. As carroagens que até essa hora iam e vinham parecem seguir todas para um lado. Das ruas adjacentes, das portas largas, saem vehiculos de toda a sorte. As librés são ricas umas, outras elegantes e simples. Ao chegarem á rua Royale as fileiras são triplicadas, e, a trote largo, desdobram-se aquellas fitas

de mil cores. Quando desembocam na praça da Concordia encontram-se com outras que veem do outro lado do rio e lá vão todos para o Bosque de Bolonha. É o passeio obrigado de uma certa sociedade. Atraz da dama titular que vai no magestoso *landau*, segue a mulher elegante que anda sempre só na luxuosa *victoria* puchada por um cavallo. Por esse soberbo caminho, que se intitula a avenida dos Campos Elyrios, marcha todo aquelle tropel, confundindo-se o bom com o mau, o trigo com o joio, por vontade de ambos. Atravessam aos montões a praça do Arco do Triumpho e passam para outra avenida ainda mais bella que a primeira. No centro é a avenida propriamente dita, isto é, a parte macadamizada destinada ás carroagens, a um lado uma vereda de cinco metros de largura para os cavalleiros, do outro lado do macadam outra para os transeuntes a pé, ao lado ainda de cada uma d'estas veredas immensos canteiros atapetados de relva, formando aqui e acolá comoros de arbustos entremeados a espaços de arvores que parecem plantadas ao acaso. Limitando os dois planos estão casas com jardins á frente, edificadas com variedade de moldes. Ao fundo da formosissima avenida acham-se os portões dourados do Bosque de Bolonha. O prestito não descontinua durante hora e meia. O Bosque é immenso e nenhuma capital do mundo possue belleza semelhante ás suas portas. N'este momento importa-nos tão pouco dizer e contar as magnificencias do bosque e o que elle contem quanto importa á turba aprecial-o. Outro é o seu sim. Quem alli vai a esta hora, ainda que vai com o pretexto de gosar do ar livre e oxigenado do campo, não tem outra mira senão mostrar-se e ver os outros. As carroagens bem longe de se dispersarem pelas muitas ruas em que abunda bosque, como se obedecessem a uma palavra d'ordem, seguem pela maior parte o mesmo caminho. O furor dos cavallos é dominado e ao aproximarem-se das margens d'um grande lago, continuam em fileira uma atraz da outra. A rua que costeia o lago e que serve de theatro a esta procissão de gala da *toilette* e da vadiice, tem mil e duzentos metros de comprido. Nem um só comparsa deixa de tomar a serio o seu papel. Chegari ao fim da rua, ahi voltam e pelo outro lado tornam ao ponto de partida. Assim, em quanto uns sobem os outros descem, e todos se encaram mutuamente. Por instantes respiram todos o mesmo ar, alvo e aspiração de uns e outros. A mãe de familia olha com inveja para a dama que possue melhores cavallos do que ella, que traja com mais elegancia e cujo trem é mais luxuoso. Esta paga em desdem a curiosidade com que é observada. Enganamo-nos, talvez. Esta ultima é que inveja a outra, enquanto que a primeira não é por curiosade que a observa attentamente, é por comiseração por ter descido tão baixo. É este o lado ridiculo ou, se quizerem, tragico do quadro. A parte burlesca representam-na os que, sem bojo nem receio se intromettem na fila, sentados uns, outros languidamente recostados em trens de praça, puxados por lazarentos cavallos e guiados por gebos cocheiros. Nos dias de grande concorrencia as fileiras são dobradas, ainda que nem por isso os namoros e ajustes d'aquelle mercado sejam em maior numero.

~~~~~ Uma cidade que é como Paris o centro da civilisação moderna, deve ter um edificio, um monumento, que symbolise o ideal d'essa

civilisação. Tem-n'o de certo. No coração de Paris e n'um dos bairros mais frequentados, no centro de uma praça, o viajante depara com um monumento que á primeira vista não lhe parece ser outra cousa mais do que uma igreja pagã.

Entra, e nos primeiros minutos de tal maneira o confunde a grita que fazem os que alli estão, que não percebe se tem deante de si doidos furiosos ou pessoas que recorrem a argumentos em alta voz, como ultimo recurso de desperado.

Não pôde contal-os. Passado este primeiro atordoamento, se o visitante tem presençia de espirito bastante para poder formular um desejo não pode ser outro senão o de sair d'allí. Tudo lhe diz que é o que deve fazer immediatamente, para que o não levem em braços depois. É o que se vê na bolsa de Paris. Não posso explicar melhor o que alli se faz, porque nunca o pude entender. Os que tiverem menos ouvidos ou mais força de vontade que o façam.

~~~~~ Ha um palacio em Paris que tem um nome estranho. É o Palacio das Vendas. Alli vão para serem retalhados em leilão publico e pelo lance de quem mais offerecer: a triste mobilia do pobre penhorada pelo senhorio; as ricas alfaias do opulento que muda de paiz; a herança movel d'uma familia rica cujo chefe morreu e que é forçoso vender para partilhas; os quadros que o pintor de fama deixou por sua morte e aos quaes os amadores, os entendedores e a vaidade burgueza vão fixar um preço que por modo algum lhe indica o valor; os objectos preciosos, as reliquias, as antiguidades que o collectionador juntou com pertinaz paciencia durante a longa vida; os ornamentos, os vasos cinzelados, os marmores, as esculturas, camafeos, miniaturas raras, que de longe vieram procurar comprador n'este centro sem igual.

Seja qual fôr o objecto, qualquer que seja a sua utilidade, ornamento, movel, louça, que seja rico, sumptuoso, caro, barato, vil ou insignificante, qualquer que seja o seu valôr, qualquer que seja a sua applicação, é certo que alli encontra quem o queira por um preço. As vendas não cessam durante o anno todo, mas é especialmente desde o mez de novembro até maio que as vendas mais importantes se realizam.

Quantas miseras, quantas tristezas, quantas lagrimas do pobre que, trabalhando sem cessar naufragou no escolho da fatalidade, vão d'enccontro, ao passarem o limiar d'aquelle porta, ás cubicas, vaidades e uzuras da vã e enfatuada burguezia.

Uns vão alli comprar objectos de que necessitam, pensando que adquirindo-os em leilão os adquirem mais baratos. Outros estão á espreita da occasião, e só compram quando julgam, que vendendo depois, ganharão bastante. Outros compram por comprar, sem necessidade nem interesse, unicamente porque suspeitam que comprando alli, levam para casa maior valor do que o que deram. No meio da turba dois typos sobressaem aos olhos do observador. É o do collectionador maniaco, e o do burguez amador das bellas artes. O primeiro, por via de regra, não tem outro norte senão deixar, quando morrer, o maior numero d'objectos que lhe fôr possivel. Que se diga d'elle que possue a melhor collecção de tal genero, é toda a sua ambição. Todo o bello resume-se n'uma especialidade, para elle. Ora são caixinhas de rapé, ora pratinhos de Sèvres, ora conchinhas lavradas, ora reloginhos antigos, ora

porcellanasinhas esmaltadas, conforme a bossa pertinaz do tresloucado cerebro. São doidos mansos com idéas fixas. O outro, o amador das bellas artes, esse não tem idea fixa. Compra porque é caro e porque tem muito dinheiro para pagar. Ouvio dizer que se ia vender um quadro de author de nomeada, elá vae compral-o seja por que preço fôr. Se lhe perguntarem pelo merito do artista dirá que não sabe nem quer saber, o que sabe é que se vende caro e que deve ser bom por consequencia. Se lhe disserem que é estupido responderá que estupida é a plebe que não soube ganhar a vida e enriquecer como elle; que mais estupido é aquelle desgraçado que alli foi vender a cama para comprar pão para os filhos famintos.

Se o homem de bons sentimentos, quando presencia estas scenas, sente contristar-se-lhe o coração por isso mesmo que lhe dizem que o mal é irremediavel e que reside nas condições actuaes da vida social, nem por isso elle julga que se deva perder toda a esperança. Ah! que se eu fosse rei punha um termo a isto tudo, mas por muito que faça nunca poderei chegar a mais do que a presidente de republica. E n'uma posição d'estas que pôde um homem fazer para extirpar os males da humanidade?

GUILHERMINO DE SÁ.

MARIA STUART

O caracter de Maria Stuart é um problema que os historiadores não conseguiram ainda resolver. Quasi todos os que teem escrito acerca d'este assumpto tem-no feito com parcialidade: para uns é ella um monstro de perversidade, para outros foi uma mulher nobre e martyr das suas crenças religiosas. Shakespear era o unico, talvez, que poderia ter decidido esta obscura questão, se a tivesse tractado n'alguma das suas tragedias immorredoiras. O que é certo é que teve uma vida mui agitada e espinhosa, e uma morte horrorosamente tragica.

A ultima semana de vida da infeliz rainha começou no dia 11 de fevereiro de 1587, dia em que a rainha Izabel assignou a sua sentença de morte. Apenas tinha ella firmado o seu nome n'aquelle triste documento, quando começou a tergiversar, procurando attribuir o acto a outros, para se desculpar a si e prevenir o caso de que a execução não fôsse bem acceite pela opinião publica. No conselho reunido por Hutton e Burleigh, sem conhecimento da rainha, foi decidido por todos os que estavam presentes que a rainha de Escocia devia morrer, conforme ao que tinha sido ordenado pela rainha Izabel. Lord Kent e Lord Shrewsbury foram immediatamente nomeados para fazerem executar a sentença. O secretario Beale levou-lhes por fim a sentença com as necessarias instruções, chegando a Fotheringay, a poder de marchas forçadas, no domingo de tarde, 16 de fevereiro.

Ouçamos agora o que diz Froude, em cujos

escriptos a memoria de Maria Stuart é aviltada.

« Importava-lhe primeiro que tudo, que nosas-tello não constasse o motivo que alli o levára. Na segunda feira logo pela manhã, procurou Lord Shrewsbury, enviando por outro lado um despacho ao Sheriff de Northampton, para que estivesse ás ordens na quarta feira pela manhã. O Conde de Kent chegou na segunda feira de tarde. Shrewsbury appareceu na terça feira pela manhã, e apenas se tinha acabado de jantar no castello, mandou um criado á rainha da Escocia pedindo para ser admittido á sua presença. Shrewsbury não a tornará a ver desde o dia em que tinha deixado de estar sob a sua vigilancia. Não tinha sido membro da commissão que a julgára; a doença impedira-o de assistir ás ultimas sessões do parlamento, e por isso não havia tido parte alguma publica n'aquelle perseguição; e com quanto tivesse mostrado em particular e como opinião sua que necessariamente devia morrer, não era sem commoção que se apresentava diante da rainha, n'uma occasião tão terrivel. Kent era um Puritano austero na opinião do qual ella não passava de uma mulher perversa, que não tinha feito senão escapar a um castigo que merecia havia muito tempo. Desempenharam-se da triste mensagem por um modo breve, solemne e severo. Participaram-lhe que haviam recebido um encargo sellado com o sello real, ordenando que fôsse decapitada, e disseram-lhe que se preparasse para o dia seguinte pela manhã. Ficou n'uma terrivel agitação. No primeiro momento não quiz acreditar. Depois como a verdade se impozesse com toda a sua força, oscillando a cabeça desdenhosamente e fazendo esforços para mostrar firmeza, mandou chamar o medico, e começou fallar-lhe do dinheiro que lhe deviam em França. Parece que a final caio no chão redondamente, e deixaram-na receando que se matasse n'aquelle noite, ou que se recusasse a subir ao cadasfalso, e que fôsse necessário arrastal-a á força.

No dia seguinte pela manhã estava prompta a seguir a sua sorte, subindo ao cadasfalso com serenidade, como Carlos I.

UMA SENHORA DE RESPEITO

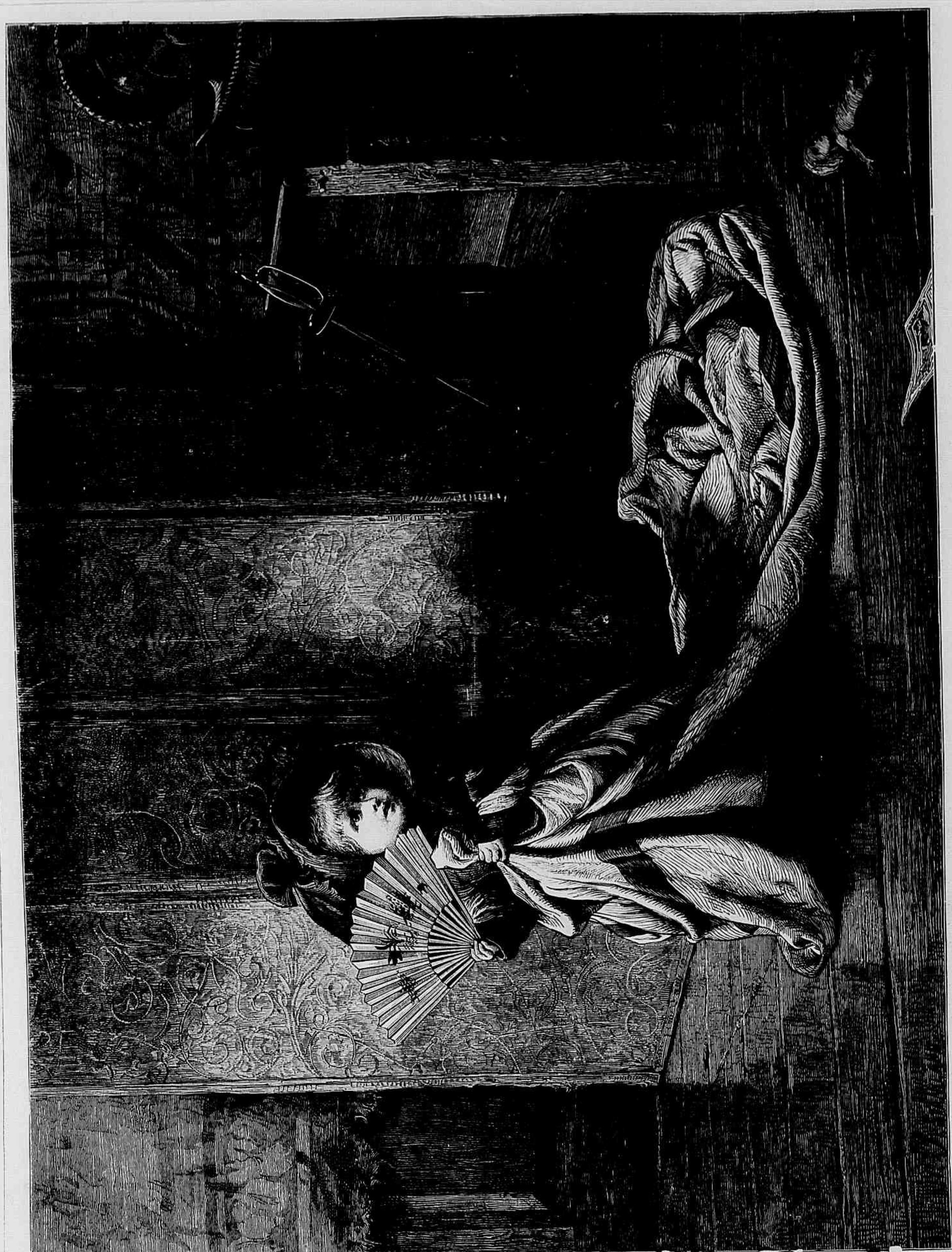
Chama-se Clotilde... Um dia, um concurso de circumstancias felizes lhe permitiu realizar o seu sonho dourado. Ah! dizia aquella cabecinha, se eu podesse um dia fazer como fazem as senhoras, abanar-me com um leque, trazer um vestido a arrastar e pôr na cabeça um chapeu da moda, que bem havia de ficar.

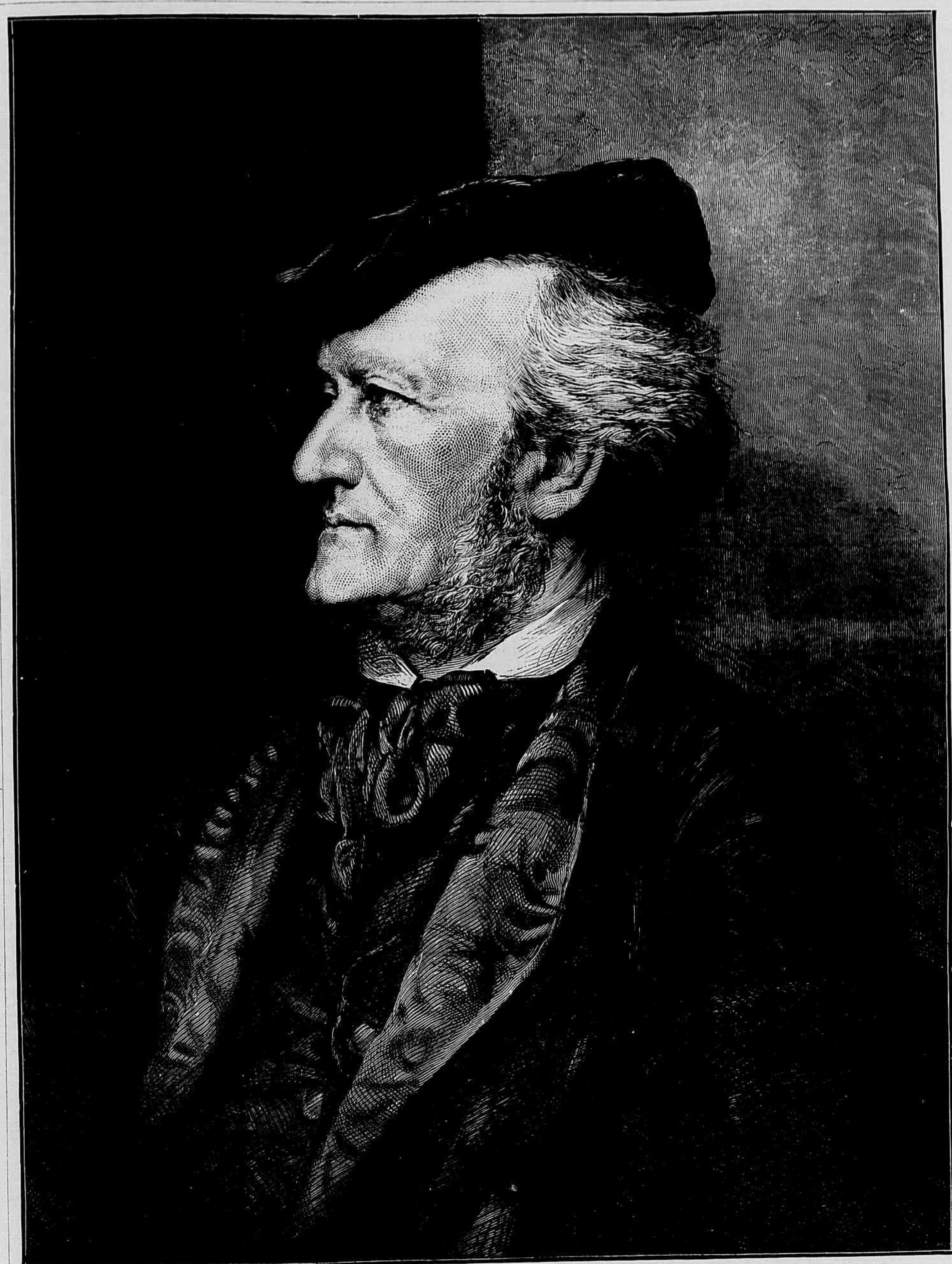
A occasião chegou e ella ahí vae correndo. Atavia-se com a coberta da cama, que lhe forma uma cauda imensa, pavoneia a cabeça que transborda de contentimento e orgulho infantil, e com o leque, espalhando os fumos d'aquelle vertigem famosa, não se sente, não cabe em si, nem sabe se deve chamar gente para que a admirem ou se é melhor conservar-se só em quanto a deixam, com receio instinctivo de que, longe de a admirarem, lhe ponham um termo ao regalo. Mas que bem, que bem que estâa Clotildinha! Que ar tão magesto-so e digno tem aquella ingrata, que desprezou a pobre boneca, a sua melhor amiga, que jaz alli por terra, triste e abandonada.

RICARDO WAGNER

Ricardo Wagner, author da « musica do futuro », nasceu em 1813 em Leipzig. Seu pae, official de polícia, morreu seis mezes depois do nascimento do filho. Educado pelo padrasto, o joven Wagner em quanto criinha, ao contrario do que dizem succeder ordinariamente com os homens de genio, não deu de si manifestação alguma que indicasse talento. Destinaram-no primeiro a pintor, mas como não progredisse muito n'aquelle arte, consideraram que talvez tivesse mais inclinação para a musica. Quando tinha nove annos, o rapazinho começou a mostrar symptomas d'aquelle opinião pertinaz que foi sempre a feição característica do seu espirito. Fazia desesperar o mestre, obstinando-se e recusando-se a mover os dedos nos exercícios, ao passo que tocava de ouvido a abertura do *Freychutz* quando estava só. Não se limitavam os seus estudos á musica, sendo aliás considerado na universidade de Dresde como muito applicado aos estudos de historia antiga e de mythologia pagã. E a esta propensão pelos estudos antigos que se deve attribuir não só a sua « theoria » como o ser elle o author constante dos seus proprios *librettos*. Ainda era estudante em Dresde, quando se estreou n'uma composição dramatica empregando mais de dois annos a escrever uma tragedia, terrivel combinação do *Rei Lear* e do *Hamlet* de Shakespear, e na qual eram assassinadas quarenta e duas pessoas, a maior parte das quaes tornavam a aparecer em espirito. De Dresde foi para Leipzig, onde começou a fazer composições para orchestra. Como o publico accolhesse ás gargalhadas a primeira tentativa (uma abertura para o theatro de Leipzig) este acontecimento determinou-o a estudar musica regularmente, resolvendo-se a profundar seriamente, sob a direcção de Theodoro Weinlig, harmonia e contraponto. Em 1833, compoz Wagner a primeira opera, *Die Feen*, e dois annos depois apresentou o *Noviço do Palermo* que foi bem accolhida pelo publico. No anno seguinte foi nomeado director do theatro de Magdeburgo, onde, em 1836 fez representar *Das Liebesverbot*, composição musical imitada de *Measure for Measure* de Shakespear, que caio completamente. Em 1837 foi a Paris com os primeiros dois actos da opera tragică *Rienzi* que devia constar de cinco, mas apesar das cartas de apresentação que lhe deu Meyerbeer, não pôde conseguir que lh'a acceptassem. Para viver, vio-se obrigado a escrever artigos para os jornaes de musica e a compor trechos insignificantes, posto que no entretanto não deixasse de trabalhar seriamente em obras de muito vulto como o *Flying Dutchman* trabalho que levou a cabo em sete semanas.

Em 1842, *Rienzi* foi representada em Dresde, com extraordinario aplauso, e o seu author proclamado vitoriosamente compositor de primeira ordem, nomeado director da opera de Dresde e Mestre de Capella do rei da Saxonia. Seguiu-se o *Flying Dutchman*, e logo depois *Tannhäuser*, *Lohengrin* e varias outras composições menos celebres. Em 1848, Wagner, achando-se envolvido em complicações politicas, teve que fugir para Zurich, e em 1855 foi convidado a ir para Londres para dirigir os concertos da sociedade philarmonica. Em 1861, pôde voltar á Alemanha, viajando depois pela Austria e Russia, dirigindo concertos em que se executavam obras suas, sempre com universal agrado. Em 1866, o joven rei Luiz de Baviera, entusiasmado com a musica do *Flying Dutchman*, chamou Wagner a Munich, e ficou sendo desde então o seu mais strenuo defensor, admirador e amigo. O theatro de Munich começou a ser notado pela magnificencia com que eram remunerados os artistas, consequencia do merito do compositor e da liberalidade do soberano. Não entraremos na discussão tocante ao merito da « theoria da musica do futuro », a qual n'estes ultimos vinte annos tem sido assumpto de controvérsia em todos os circulos musicas da Europa. Para os não iniciados, diremos apenas, que esta theoria implica uma revolução completa na musica dramatica. A idéa dominante da theoria de Wagner está na suppressão das arias, duettos e tercettos tradicionaes, como partes separadas. Na immensa obra, os *Nibelungen*, executada no novo theatro de Beyruth, construído debaixo das suas ordens, e segundo o seu





RICARDO WAGNER, COMPOSITOR DE MUSICA

plano, introduzio novas reformas. O que é certo é que segundo a opinião geral Wagner é um homem de grande capacidade, e se a sua musica nem a todos produz a mesma impressão, é porque, quer em arte, quer em religião, quer em philosophia, nunca sistema algum será accolhido por todos igualmente. Wagner é systematico; nisso está a sua fraqueza e a sua força. Quaesquer, porém, que sejam os defeitos do sistema é innegável que o author de tão bellas partituras é um homem de genio.

COSTUMES PORTUGUEZES

A SESTA

Um bello dia de Junho — onze e meia da manhã. Não direi como o poeta que na rosca olaia cantava a cigarra de Anacreonte, mas afirmo que, como lá dizem no campo, caíam — ou pelo menos deviam de cair — as rolas assadas. Um sol de queimar. Um calor a que nem o formosissimo valle de Agueda sabia resistir, com os seus campos cheios de verdura, o seu rio entre comoros de flores, as suas encostas cobertas de devezas e fontes, e os seus laranjaes desatados em flores e vozear de passarinhos. Na insua de *** uma grande corda de gente, homens e mulheres de diferentes idades, curvados sobre o verde escuro do milho, moviam vagarosamente as suas enxadas de sachar, entoando em cório os alegres cantares dos camponezes. Á sua frente uma enorme beira, feita de dez ou doze lenços de cōres vivas, era sustentada por uma grande vara cravada na terra e encimada por um pão de trigo (pão alvo como elles dizem) e uma cabaça pendente.

Era um bando de sachadores. O melhor bando do campo. Como ao expirar a longa toada em que todos sustentam prolongadamente a ultima nota do canto, gritava alguma voz alegre e possante lançando aos ares um caloroso *vira*. « Vá rapaziada, que *elle* já deu em Espinhel e não tarda ahí um *padre nosso* » dizia um bello camponez d'elevada estatura, robusto, corado e sâo como um inglez. As suas calças de burel menos remendadas, a sua facha escarlate menos desbotada, a sua camisa menos parda do pó e do suor denunciavam a superioridade do pequeno lavrador no meio de pobres e simples jornaleiros. Era o filho do *patrão*, corajoso mancebo, que, para evitar a desgraça do serviço militar, tivera alma de cortar com o podão dois dedos da mão direita.

« Vá, vá, que *elle* não tarda ahí » repetia o camponez adiantando-se do rancho para cravar mais adiante a grande bandeira.

Elle vinha a ser o badalar do meio dia na torre da villa.

Entretanto, pelas viellas das avenidas, uns pequenos pontos brancos se aproximavam, alvejando por entre os verdes folhames dos pampas e como que dançando por sobre os silvados floridos dos comoros. Cada uma d'essas aparições era acclamada pelos gritos d'alegria d'um dos jornaleiros, que com os olhos e com o excellente appetite reconhecia o panno muito branco, muito lavado, com que a velhinha ou a irmã usam cobrir a cesta do seu jantar.

Com efeito, alli no fundo da deveza da encosta lá se iam juntando em diferentes grupos.

Aqui, meia duzia de velhas que, depondo as cestas ao lado, se assentam á sombra dos castanheiros e armam conversa acompanhando com o zumbir do fuso e o arrancar da estriga o mal espadellado linho, o seu *tudo-nada* de má lingua.

Alli, uma pobre mãe de vinte annos, ainda pallida e emmagrecida da longa doença, conta a duas outras, que a lastimam tristes, como foi que o chá de carqueja e o caldinho d'unto, que o mestre sangrador lhe receitara, a livraram em-fim, graças ao Senhor, das malditas maleitas, que a puseram na espinha a ella e à pallida criancinha que amamenta.

Alem, uma criança de cinco annos, dentro d'uma camisa d'estopa que quasi lhe chega aos pés e debaixo d'um chapeu velho e desabado que em tempos foi do pae, muito gordo, vermelho e muito sujo, larga a saia da avó, que o traz a reboque por aquella amarra e parte correndo para quatro ou cinco figurões da mesma idade e nos mesmos trajes pouco mais ou menos, que ao pé da méda de palha folgam trepando cada um por sua vez com esforços sobre-humanas pela palha da méda, até que extenuado, escorrega e vai rolar de pernas para o ar no sopé da meda, entre os aplausos e alarido dos companheiros.

Acolá, quatro rapasitos de seis a nove annos contam entre si muito em segredo, para que a agua do rio os não oíça, como o ninho de rouxinol no comoro do aido da tia rosa já tem *pedrinhas* e o ninho de pintasilgo na laranjeira do sr. padre já anda a *pôr macio*. Isto, bem entendido, muito em segredo, porque elles bem sabem que se confidencias d'estas chegam aos *ouridos* da agua ou do fogo, é logo no primeiro caso um cordão de formigas a destruir os ovitos e no segundo uma grande cobra a ir devorar os passarinhos, sem pensarem os pequenos bandidos, que mais valera ás pobres victimas, do que aturar-lhes os tractos de seus crueis folguedos, que, enquanto ainda não sabem penar, as formigas e as cobras os arranquem ao vivificante calor das azas maternas.

Uma vozeria enorme, onde se fundiam gritos prolongados, risadas, cantos, assobios agudissimos, saudava o som da torre ao longe.

« E doze » gritou uma voz mais possante e logo tudo se callou, e por aquelle silencio passou como a ondulação, que se alarga pelo espelho d'um lago, que a aza d'uma andorinha accordou passando, o som do sino grande a badalar — *Ave-Maria* — e voltados todos para a torre da villa collocando cada um o seu chapeu sobre o cabo da enxada aprumada ao lado, ergueram as mãos rezando — Ave-Maria. Um minuto depois feito o signal da cruz dava cada um as boas tardes beijando as pontas dos dedos e lá ia ao seu jantar. Uma tigella vermelha cheia de caldo de couve e feijão com uma colher de pau para cada conviva, duas sardinhas assadas e um quarto de pão — eis o *menu*.

Não sei se para illudir assim a exiguidade da refeição o camponez come muito vagarosamente e gosta de conversar, rir e contar anecdotas em quanto come; predomina de ordinario n'estas conversações o que mais mundo tenha corrido, exagera muito quanto conta, porque sabe que quanto mais mente maior effeito produz a narrativa.

Uma hora depois lá iam as velhas conduzindo as cestas vazias e as crianças prezas ás saias, em quanto cada um, como melhor lhe sabia, trac-

tava de saborear o que lhe restava ainda de duas horas de sesta. Conversam uns, outros dormem; fazendo ouvir todos os tons do mais desafinado rebeção; — costuram algumas cachopas, embainhando uma o lenço que o conversado lhe trouxe da feira, um rico lenço de algodão branco com um coração atravessado por uma seta bordado a retroz vermelho; trabalha outra n'um ponto aberto que nem toda a agua do rio tornará jamais á primitiva cōr branca, em quanto uma mais habilidosa enfa n'um fio de crina branca, arrancado á egua do senhor regedor, missanga encarnada formando um anel com a palavra « *soidade* » em letras eloquentemente verdes.

Alem, deitado de frente para a terra, dorme um camponez descansando a fronte sobre os braços encrusados e voltado ainda o rosto para a gentil morena, que a seu lado se assentou na relva, e agora, suspirando em quanto elle ressoa, conta ainda no regaço as petalas do mal-mequer esfolhado para entrar em conversa.

« Ingrato! — diz uma lagrima que lhe assoga o olhar tristissimo — ingrato! adormeceu já! elle que tantas noites velou a rondar o meu aido! ah! dormisse eu tambem então. »

No comenos e como a acertar-lhe no pensamento ouvia-se uma voz vibrante e doce, cheia de frescor e juventude cantando alem na ribeira. Era a Clarinha do serrador, a cantadeira de mais nomeada nas redondezas. Lá estava ella a estender nos salgueiros da margem uns lenços que acabou de lavar.

Cantava ella :

São pratos d'uma balança
os corações dos amantes.
Sobe o teu porque o meu desce
ao envez do que era d'antes.

Ao som d'aquella voz toda estremece a chorosa camponeza, sobe-lhe o sangue ás faces e quasi lhe salta do bêijo apertado contra os dentes. Comprime os olhos com as mãos para vedar o pranto e assim fica scismando. Decide-se enfim e faz um movimento para erguer-se.

— Não fujas, rapariga — diz-lhe uma voz ao pé. — Ha campo para todos, não faço estorvo nem tu m'o fazes a mim.

Era a Clarita.

Tinha ainda na mão a metade do pente velho com que alisára os seus fartos cabellos louros humedecidos no rio. Era ella toda lavada, toda fresca, toda esbelta, a mais graciosa loura d'aqueles campos. Chegou, sentou-se ao outro lado do aldeão e pegando n'uma espiga de avéa entrou a passar-lh'a de leve pela face, cantando a meia voz e bambaleando a formosa cabeça na cadencia do canto.

O dormir é de quem soffre
e tem penas a esquecer.
Não durmas, ladrão do sonno
das que fazes padecer.

O aldeão, depois de coçar trez vezes a face, espriguiçou-se voltando-se, e, meio dormindo, disse com um sorriso meigo :

— Ah! és tu, Clara?

A outra não podendo mais, ergueu-se d'um impeto e...

— Leva arriba, rapazes — rouqueja a rude voz do camponez que ouvira as duas badaladas mais impertinentes com que um relogio de torre tem marcado duas horas.

— É bem feito. Regala-me mesmo — exclama a ciumenta morena correndo ralada de despeito em quanto a sua feliz rival, ao sentir na franzina cintura os oito dedos das mãos do patrão, porque era elle o que tinha cortado os dois dedos na mão direita, se esquia a sorrir, e pulando como uma gazella corre a enfileirar-se no rancho dos sachadores.

A aragem do mar começara a desenrolar a bandeira e ainda ao cair da tarde revoava pela campina a alegre voz de Clarinha seguida no segundo e quarto verso pela melancolica toada demoradissima do coro dos sachadores.

Entoava ella :

Eu gosto da luz da lua
e do sol quando elle é nado.
Mas quem ama, só n'uns olhos.
acha luz do seu agrado.

Lisboa, 21 de fevereiro de 1878.

FERNANDO CALDEIRA.

LEÃO XIII

O novo papa, o cardeal Pecci, nasceu em Carpinetto (Italia) em 1810.

De todos os cardeais de seu tempo era elle o mais importante, — importante pelo caracter, pela energia, pelo saber, pelas virtudes e pelos serviços. Encontra-se n'elle, ligada á doçura apostolica a severidade administrativa. Sabe fazer-se amar e temer.

É de elevada estatura. Tem a magreza d'un asceta.

A cabeça é notável; as linhas do rosto são firmes, bem marcadas, algum tanto angulosas. A voz é sonora e brilhante quando pronuncia um discurso, um pouco fanhosa quando conversa familiarmente. Na vida privada é simples, affectuoso, amavel, animado. Nas ceremonias, sob a purpura ou sob os ornamentos episcopaes, torna se grave, austero, magestoso.

Gregorio XVI estimava-o muito. Nomeou-o delegado em Benevento, depois em Spoleto, e Perusa. Em todas estas cidades deu provas de grande energia. Os seus primeiros passos no governo merecem ser contados. Era em Benevento, cidade encravada do reino de Napoles, longe de Roma, e que servia d'asylo aos ladrões e contrabandistas. Para se administrar uma tal província era preciso vencer difficultades, quasi insuperaveis. Havia familias com costumes feodais, poderosas pela fortuna e pela categoria, que depresavam as authoridades, mas que obedeciam ás quadrilhas napolitanas, e as protegiam contra a propria authoridade. Tal era o estado da Sicilia n'este momento. Monsenhor Pecci tinha pois a lutar contra duas forças unidas; e note-se que os ladrões practicavam actos de uma ferocidade atroz, e que as familias tinham em Roma o apoio de pessoas poderosas. Os cardeais Pacca, Pedicini, de Simone, eram de Benevento, e muitas vezes tomavam o partido dos seus, menosprezando o delegado.

Monsenhor Pecci, commovido pela estado

miseravel da província, resolveu melhoral-a — ainda que para isso tivesse de cortar a sua carreira.

Começou por obter do governo pontificio um empregado capaz, chamado Sterbini, o qual reorganisou o serviço das alfandegas. Depois foi ter com o rei de Napoles, participou-lhe as suas tenções e decedio-o a tomar disposições severas. Feito isto, certificou-se da boa vontade dos officiaes da tropa, e metteu mãos á obra. Era preciso combater os salteadores, persegui-los nos castellos em que se entricheiravam e entrar á força n'aquelles baluartes; pois os fidalgos obrigados por aquelles hospedes singulares, allegavam que o delegado lhes violava as terras e as moradas, e resistiam.

O mais poderoso foi ter um dia com o Cardeal, e ameaçou-o, dizendo-lhe que ia partir para Roma e que quando voltasse havia de trazer uma ordem d'expulsão.

— Faz muito bem, senhor marquez, respondeu-lhe friamente Pecci. Mas antes de partir para Roma ha de passar trez mezes n'uma prisão a pão e agua.

O Castello do Marquez foi tomado d'assalto, os salteadores mortos ou feitos prisioneiros, e o povo applaudia o delegado.

Dentro d'alguns mezes a província ficou livre dos malfitores; os fidalgos submeteram-se; o Papa louvou o procedimento de Monsenhor Pecci; e Fernando 2º pedio-lhe para vir a Napoles receber o testemunho da consideração em que o tinha.

Monsenhor Pecci governou Spolète e Perusa com a mesma energia.

N'esta ultima cidade, em que havia, 20,000 habitantes e que era cabeça de distrito, a conteceu durante a sua administração que as prisões acharam-se um dia vasias : nem um só prezo. Com grande pena dos habitantes, Gregorio XVI demittio-o em 1843, nomeou-o arcebispo de Damiette (Egypto), tendo elle apenas trinta e trez annos, e mandou-o na qualidade de nuncio para Bruxellas.

Ahi, soube a tal ponto atrahir a estima do rei, que Leopoldo pedio a Gregorio XVI para lhe ser dado o chapéu cardinalicio. O Papa concedeu-lh'o, reservando-o *in petto*, e confiou-lhe a diocese de Perusa.

Pio IX confirmou-lhe a nomeação de cardeal em 1853, isto é, sete annos depois. O cardeal Antonelli conseguiu trazel-o sempre affastado do Vaticano. Quando em 1874 morreu Monsenhor Barnabo, prefeito da Propaganda, varias pessoas o indicaram para successor, dizendo ao Santo Padre :

— É um bispo excellente.

— Pois por isso mesmo, respondeu Pio IX, deixem-no ficar onde está.

Em 1876, quando morreu o Cardeal Antonelli, o Cardeal Pecci voltou a Roma e Pio IX nomeou-o carmelengo, apesar dos jesuitas que o consideravam como pouco favoravel á compagnia. Alem d'isso, corria o boato de que Pio IX elevára-o a este novo cargo, com o fim de lhe cortar as probabilidades de lhe suceder, por isso que é das tradicões do Conclave o não entrarem os Carmelengos no numero dos candidatos ao papado. A precaucao foi inutil, pois d'esta vez o Conclave não seguiu a tradicão.

O Cardeal Pecci é homem de instrucao variada. Não só tem cultivado a sciencia como tambem as letras. É author de varias poesias. Deante dos syndicos, dos prefeitos, das authori-

dades italianas, tomou sempre uma atitude superior aos partidos. Durante o interregno que seguiu a morte do Papa, quando tinha nas suas mãos a administração da Igreja, deu provas de grande moderação, aceitando os serviços dos carabineiros e soldados italianos para manter a ordem. Querem muitos concluir d'aqui, que o novo Papa não se conservará na posição hostil, em que se collocou o seu antecessor, para com o governo italiano. É senhor de grande senso politico, e verdadeiro catholico.

Não vão agora pensar os chamados catholicos liberaes (que não são nem catholicos nem liberaes) que o Papa transija com os principios modernos. Enganam-se assim pensarem. Os alicerces da Igreja são os dogmas por ella decretados. Alluir um, é alluir todos. O Papa decreto que não ha de abalar o edificio, pois sabe melhor do que ninguem que tocar n'uma pedra equivale a arrasal-o todo. Assim os que não fôrem por elle serão contra elle. Exceptuam-se os que se dizem catholicos, e que não tem principios nem crenças. Esses vivem com tudo e com todos. Ninguem espera nada d'elles.

O ASSASSINO

I

Era n'uma rua estreita, envolta em espesso nevoeiro. Acabavam de dar trez horas da manhã. De repente abre-se a porta d'uma casa velha. Um homem salta d'ella para fóra, por assim dizer.

É um individuo de proporções agigantadas, largo de hombros, com braços herculeos.

Com o punho da manga limpa precipitadamente a testa, pois, apesar do frio humido, vem transpirando — depois, investiga com olhar profundo as trevas pardacentas.

E, ao acaso, deita a correr com toda a força durante alguns segundos, até que parando de repente :

— Que tolice! tartamudeia elle; se alguem visse, se te perguntasse porque é que corres, que responderias? Anda, anda com passo regular, nem muito de vagar, nem muito de pressa. Não é hora para se andar a passear, nem para... que grito que aquelle homem deu!

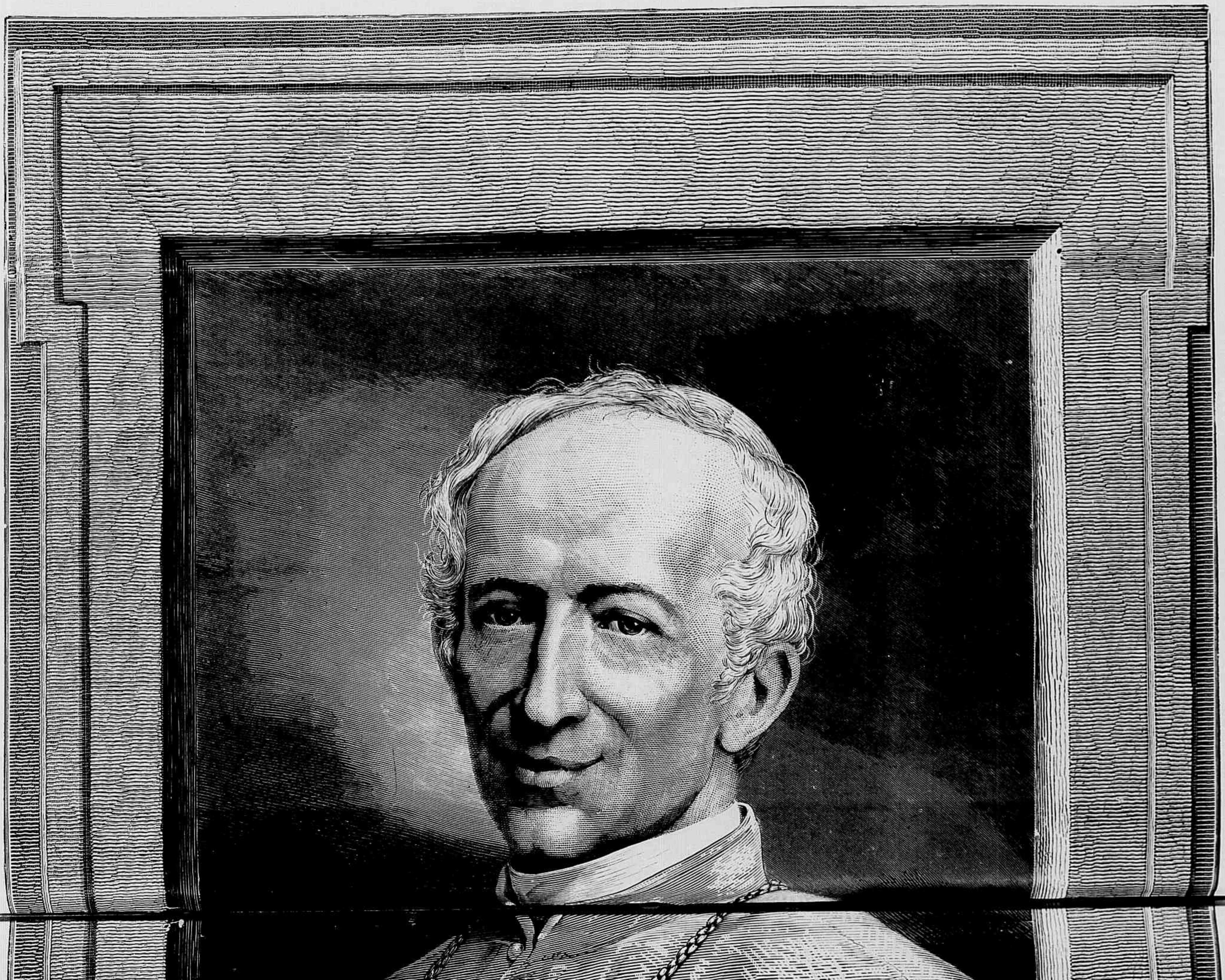
Callou-se subito, olhou com desconfiança para todos os lados e continuou em silencio o seu caminho. Ninguem diria que era um sujeito que recolhia tarde, mas sim um operario que se tinha levantado muito cedo para ir para o trabalho, que ficava muito longe.

Mas na realidade aonde ia elle? Era coisa que elle proprio não saberia dizer. Ia fugido. Era unicamente o que sabia.

Por duas ou trez vezes ouvio passos atraç de si, na escuridão, e então, esquecendo que devia ser prudente, corria em quanto podia até que o silencio o tranquillisava.

Ao dobrar a esquina d'uma pequena praça foi de encontro a dois homens que não tinha sentido vir. Os cabellos puzeram-se-lhe em pé. As pernas tremiam-lhe. Eram dois policias que rondavam lentamente.

— Oh! desculpem! disse elle, como se tivesse a garganta apertada; não os tinha visto.





LEAO XIII

— Está bom, está bom, disseram os homens, não ha novidade.

E continuaram vagarosos o seu passeio, enquanto que o homem ficou estacado, com a testa a arder e as mãos geladas.

II

O dia vai nascer. Paris accorda. O ceu torna-se plumbeo, e encontram-se os homens do gaz que apagam os candieiros correndo pelas bordas dos passeios.

— Onde estou eu? pergunta a si mesmo o fugitivo.

O dia começa a aparecer. De repente treme todo da cabeça até aos pés.

— Quem sabe se tenho a jaqueta cheia de sangue. Sangue! como o medo faz a gente estupida! pois se eu afoguei-o, como é que pôde haver sangue... é verdade, mas eu apertei com tanta força, que talvez lhe tenha feito saltar sangue pelo nariz, ou que lhe tenha rompido alguma veia.

Vae andando.

— Tomara já que fosse dia claro. Um homem que sae da noite, de repente, ensanguentado, mette medo. Basta que uma mulher medrosa ou que um gaiato estupido olhe para mim com curiosidade, e que diga alguma coisa para que se comece a juntar gente á roda...

A noite desapareceu. O homem passa uma ponte. Dá passadas immensas n'uma rua deserta, fazendo a diligencia para amortecer o ruido dos tacões. As tabernas começam a abrir-se.

Pára n'uma esquina e encosta-se ao muro d'uma casa que tem uma sacada. Ninguem deu por elle, está certo d'isso... só se das janellas... nada, não. Pôde examinar o fato, as mãos, e a camisa. Um longo suspiro lhe sae do peito. O crime não deixou rasto visivel.

O olhar illumina-se-lhe sob a impressão d'um riso interior, e segue o seu caminho.

III

Pouco a pouco animam-se as ruas. Crusam-se os ruidos e os gritos. Os operarios e as criadas dirigem-se para o trabalho ou vão ás compras. Acotovellam-se as pessoas, o homem mirra-se, para não incomodar ninguem.

Ha pessoas, porém, que o examinam attentivamente. Estremece. É claro que a sua physiognomia atrai a attenção. Que terá ella de extraordinario? como sabel-o? se tivesse um espelho... continuam a olhar para elle. O desembaraço que já ia tendo abandona-o.

N'esta taberna ha um espelho. Uma taberna? ha quem diga que muitos taberneiros são da policia. E depois para lá entrar era preciso ter dinheiro. É coisa que não tem.

Depois de andar muito, dá com a modesta loja d'um sanqueiro. Os vidros do mostrador reflectem-lhe, mal ou bem, a cara. Olha e recua sem querer. Tem os olhos espantados, a boca contraída, a pallidez torna-o livido.

— Como é que é que não hão de adivinhar que sou eu o assassino, pensa elle.

Deita a correr na direcção dos bairros solitarios. Anda, anda. No caminho vê uma fonte. Mergulha n'ella a cabeça por duas vezes e con-

tinua na carreira enxugando-se com o lenço.

— Se chego a socegar estou salvo. Assim que passar esta pallidez ninguem será capaz de ver na minha cara que fui eu.

Está excessivamente cansado. Dentro em pouco não se poderá ter nas pernas. Está de pé desde a vespera. Durante a noite toda não se sentou um só instante.

— Ah! aqui está um banco. Que bom, pensou elle, mas ainda é muito cedo para que uma pessoa capaz se ponha a descansar. Ora! cada qual é livre e pôde fazer o que bem lhe parecer. Lá por uma pessoa se sentar cinco minutos n'um banco não hão de dizer logo que é um malfeitor.

E dirige-se para o banco; atira comsigo para cima d'elle.

— Se adormecesse, considera elle. Vinha logo a policia perguntar-me o que faço aqui, e haveria de querer saber... Se eu não tivesse tido a desgraça... dizia-lhe que não tinha nada com isso, mas posso perder a cabeça, atrapalhar-me, deixar escapar alguma palavra que não pareça nada e que revele todo o negocio... A estas horas já se sabe tudo, já a policia está prevenida. Talvez andem á minha procura. Nada, nada, toca a andar, não ha remedio senão ir para diante.

Arrastando os passos, o homem começa a seguir para a frente. Mette-se por umas terras sem casas, mas que já tem ruas traçadas. Não pôde mais, deixa-se caír e fica dois minutos assentado na relva. Os olhos fecham-se-lhe sem querer.

— Ora esta! então por perder uma noite, faltam-me as forças, diz em voz alta. Toca a levantar.

— Se eu saísse de Paris, diz comsigo, ao chegar a uma das portas da cidade. Que idéa: mas aonde hei de ir? seja para onde fôr, para o campo. Pedirei que me dêem trabalho. Trago comigo os certificados. Olha como aquelle guarda barreira me está observando; com certeza que me ha de reconhecer depois. Não lhe ha de custar muito, com esta minha estatura, e com uns hombros tão largos como os meus.

Se lhe perguntarem, com certeza dirá que passei por aqui. Depois perseguem-me, cercam-me. Alem d'isso, tenho fome. Em Paris poderia encontrar alguma alma caridosa que me desse um bocado de pão, em quanto que no campo, sem dinheiro, não tenho esperança nenhuma que me socorram. Poderia deitar-me sobre a relva das fortificações. Outra tolice. Só os vaios é que fazem isso, prendiam-me como tal e depois... Meu Deus! Que fome que tenho!

IV

Extenuado, o homem volta a Paris. É ahí, elle bem o sabe, que uma pessoa se pôde esconder melhor.

Alem de que, o cansaço começa a diminuir pouco a pouco, e o sistema nervoso a predominar. Bebeu um gole d'agua na borda d'um passeio, n'uma fonte municipal. Sente-se mais forte.

Em consequencia de tudo o que tem sofrido desde pela manhã, conseguiu dar á physiognomia uma certa placidez.

— Ora afinal, pensa elle, ninguem me vio. Se quando o homem gritou, eu não tivesse ouvido abrir uma porta rapidamente, teria tido tempo de agarrar o dinheiro.

O diabo foi elle sentir-me. Não tinha tenção nenhuma de o matar. Nunca pensei em tal. O que eu queria era o dinheiro. Nem trazia arma nenhuma comigo. Para que havia elle de saltar-me ao pescoço, aquelle pateta.

Então vi-me perdido, preso... de noite, com arrombamento, está claro... não ha que ver, vae-se degradado.

Que bulha que elle fazia! não sei o que me passou deante dos olhos. É assim que a gente se faz assassino. Coitado do homem!

Agarrei-o pela garganta e puz-me a apertar... a apertar com estas duas mãos que eram capazes d'estrangular um leão.

Se pelo menos me deixasse levar... ora quanto? Cem francos! Cincoenta francos... menos talvez. Se pelo menos me dissesse: desgraçado! e me obrigasse assim a ir fazer asneira para outro lado qualquer, não teria acontecido isto. Foi uma fatalidade.

Quem sabe? Talvez não tenha morrido! pensou elle com um pequeno vislumbre de esperança. Pois sim, espera por isso, Pedro, espera por isso, acudio elle imediatamente. Não morreu! Ora essa! Depois de lhe apertar a guela com toda a força d'estes dez dedos, durante cinco minutos. Alem de que, caio redondamente. Mas o melhor é não pensar mais n'isso.

V

E proseguiu no caminho procurando esquecer a victimia e querendo só tractar de si.

— Que hei de eu fazer agora? Contei com aquelle dinheiro como um tolo. Logo pela primeira vez que me metti n'uma d'estas, mato um homem. E o peior é que não tenho nem cinco reis, nada, nada absolutamente. Tinha a cabeça perdida esta manhã. Se tivesse ido a casa, ainda poderia ter arranjado alguma coisa para empenhar.

Em quanto que agora se lá fôsse apanhavam-me na rede. A estas horas já organisaram uma ratocira, como elles dizem. Não sou tão tolo que me vá meter na boca do lobo.

No mesmo instante avistou um guarda da policia que caminhava para elle, sobre o mesmo passeio, muito devagar, mas ainda a grande distancia.

Teve uma vontade desesperada de deitar a fugir. Mas conseguiu ficar sereno. A não ser que o guarda disfarçasse bem as suas intenções era claro que não queria saber d'elle. Encontram-se andando assim aos milhares, todos os dias, em todas as ruas. É costume fazer-se-lhes perguntas. Para que me hei de eu atarantar? O melhor é ser atrevido, n'um caso d'estes, ir-me direito ao homem, e entreter-me a conversar com elle. Havia de ter graça.

Mas como o guarda olhasse para o homem, este perdeu a presençā d'espirito e entrou, sem saber o que fazia, n'uma casa, foi direito ao porteiro, e perguntou-lhe por um nome ao acaso.

— Não ha cá d'isso, respondeu-lhe o outro.

O assassino fingio que procurava lembrar-se d'outro nome. Estava á espera que passasse o

homem da polícia, cujos passos lhe martellavam na cabeça. Quando saí para a rua, estava ainda mais enfiado.

E singular, disse elle, como este porteiro se parece com o outro, com o d'esta noite. Pareceu-me que era elle proprio que estava a olhar para mim. Estou doido, decididamente! não vejo senão phantasmas por toda a parte.

Deu alguns passos.

— Que coisa tão curiosa! já não estou tão pallido como estava pela manhã, e apesar d'isso os que passam não fazem senão olhar para mim. Nos outros dias ninguem me encarava d'esta maneira.

VI

E durante aquelle dia todo, amedrontado pelo minimo incidente, com os ouvidos á escuta, os punhos fechados como quem se defende, o homem andou pela cidade, errante, miseravel extenuado, esfomeado, morrendo de sede.

Não se atrevia a pedir coisa alguma a quem quer que fosse. Nos grupos que via parecia-lhe que não fallavam senão delle. Cada palavra que ouvia applicava-a á circunstancia.

Como uma mulher dissesse quando passava :

— Levaram o dinheiro todo.

Esteve quasi para responder :

— É falso, não ha tal, não tirei nem um real.

Uma outra vez, um individuo saía a correr d'uma porta larga, e a gritar :

— Pare ahi, pare ahi !

O assassino, pregado ao passeio, poz-se em posição de deseza, decidido a quebrar a cabeça ao primeiro que se chegasse ao pé d'elle e lhe puzesse a mão em cima.

Mas não teve esse incommodo. O individuo chamava por um carroceiro que tinha esquecido um objecto qualquer.

À tarde, atreveu-se a descansar n'um banco, n'uma praça. Fez esforços incriveis para não adormecer, e conseguiu. Depois, começou a anotecer; urgia continuar a andar, e cada vez a fome se tornava mais aguda n'aquelle immenso corpo, que quasi não parára havia trinta e seis horas.

— Comer ! tartamudeava elle, que hei de fazer para comer !

Estava mais socegado. Com a noite voltára o nevociero. Bastava continuar n'aquelle interminavel passeio para não ser agarrado. O perigo tornava-se menos grave.

— Um pão... se me atrevesse a roubar um pão... Não custa muito, mas se a coisa falha, agarram-me, levam-me para o calabouço... Nada, se lá entro, arrisco-me a ir ao cadasfalso. Podia pedir esmola, por exemplo, aqui, encostado a esta porta, sem dizer nada, estendendo o chapéu; quem quizesse deitava alguma coisa dentro. Não direi nem palavra, e com o primeiro dinheiro que arranjar vou-me logo a um padeiro.

Com a breca : é sempre a mesma historia. É capaz de me saír d'aqui d'este nevociero algum homem da polícia que me pergunte se tenho licença para pedir esmola. E depois tenho que dizer-lhe onde moro, e mil outras coisas, e para isso então mais vale pôr-me a gritar com toda a força :

— Fui eu que matei o velho da rua do Forno.

VII

Torna a partir sem se importar aonde o levárao as pernas. Vae andando, vai andando, sem fim, só por andar, para não se arriscar a adormecer em cima d'um banco, pois de noite o caso é diferente, consideravam-no vadio só por estar a dormir com o tempo assim.

De repente, ouve um ruido na bruma, adiante de si, a uns poucos de centros de metros; approxima-se. Do centro da multidão saem gritos de maldicção e de odio. Estão todos horrificados.

O que é que aconteceu?

— Não se sabe se o mataram de dia ou de noite, o médico que entrou agora é que o ha de dizer.

Pedro olha á roda de si. De pavor quasi que solta um grito. Sem saber como, acha-se defronte da casa do crime. Enterro as unhas no peito como que para ahi abaflar um rugido, e consegue ainda ter forças para fugir a toda a pressa.

Volta ás margens do Sena. Desce até á borda do rio. Com um nevociero assim, é uma loucura. Mette-se debaixo d'uma ponte e estende-se em cima das pedras, procurando uma coisa só : dormir.

Mas apesar de extremamente fatigado e de padecer muito não pôde conciliar o sonno, talvez por que a fome o atormentasse muito.

— A ociosidade! pensou elle. Foi bastante um mez, sem trabalhar, para chegar a este ponto. Pobre velho, coitado! Mas quem o mandou a elle ser parvo e ir para a taberna dizer que tinha dinheiro e onde morava.

Não me sae dos ouvidos aquelle grito. Se ao menos não me houvesse dito : Sei quem és, conheço-te!

Tornei-me pois um assassino. Não posso dormir um instante sequer, é impossivel. Será effectivamente verdade que ha remorsos, que temos uma consciencia? Estarei agora condenado a não poder dormir? Ora adeus! Desde esta manhã comtudo não deixei um momento de ver constantemente deante de mim a cara do pobre velho horrivelmente contraida pela agonia.

— Tudo isto são historias; o caso, produz-me impressão porque é recente. Depois ha de passar. No entanto, eu que não podia dar um passo, cada vez sinto menos vontade de dormir.

VIII

Diligenciou voltar-se em cima das pedras, onde esperava dormir, mas não pôde.

Tenho muita fome, pensou elle; mas não, talvez seja o ruido insupportavel da agua batendo de encontro aos arcos da ponte, que me não deixa dormir. Este ruido insupportavel, repetiu com amargura, quando eu d'antes dormia, a somno solto na forja ao mesmo tempo que os operarios batiam constantemente na bigorna.

Mas isto não são remorsos. Sei perfeitamente que não são. O que eu tenho é medo de ser preso, mais nada.

E d'ahi, tenho tanta fome!

Pedro poz-se a reflectir alguns instantes. Já

ouvi dizer e até li nos jornaes, continuou elle, que os ladrões veem amiudo para debaixo das pontes partilhar o producto do roubo e comer.

Ah! se viessem agora por ahi! Não tinha medo nenhum e ainda que fossem uma duzia punha-os em fuga como a um bando de parades e apossava-me de um bocado qualquer.

Se ao menos viesssem! Eu que desejava tanto dormir; eu que ha duas horas me teria deitado ainda que fosse sobre ferros agudos, com tanto que repousasse alguns instantes, e agora nem sequer posso parar. Preciso levantar-me. Não posso socegar. A polícia.... Ora o que a de fazer a polícia com um tempo d'estes.

Pedro levantou-se todavia. Passados alguns minutos, porém, tornou a sentar-se, apoiou a cabeça nos joelhos, poz-se novamente de pé avançou tres passos e em seguida estendeu-se outra vez no chão.

— A um suppicio d'estes ninguem resiste. Sem comer e sem dormir! É indispensavel que eu coma alguma cousa. Quero pão. Se tivesse dinheiro ia compral-o ao mercado, que a estas horas já deve estar aberto.

A esta hora talvez saibam do succedido. Não ha duvida. Andam provavelmente á minha procura. Quem sabe o que terá dito o medico. Que tolo que sou. Imaginam lá que fui eu. Só tinha visto uma vez o tal velho. Não sou um d'esses criminosos já conhecidos pela polícia. Primeiro hão de desconfiar d'elles. O que estará fazendo a polícia agora. Se podesse saber-o... se podesse comer! Não ter eu dinheiro, ainda que fosse muito pouco!

O meu desejo é ir por essas ruas, agarrar a primeira pessoa que encontre, pedir-lhe dinheiro e se m'o recusar... se m'o recusar roublo-o. Mas se resistir! se gritar.

Fez um gesto de repulsa.

Oh! não ha duvida, mato-a tambem. Daria cabo d'ella por duas moedas de cobre. A final de contas não matei o outro por cousa nenhuma? Assassinado! e quem sabe se era boa pessoa, se teria filhos talvez? é possivel que fosse o unico amparo de alguem n'este mundo. Quando se pensa no crime julga-se a gente mais culpado ainda. Elle tinha mãe, é possivel... as mulheres vivem tanto ás vezes. Eu tambem ainda tenho mãe. Oh! para que estas agora pensando n'ella? Esquece-a!

Ia andando em quanto dizia isto. Subio os degraus e achou-se no passeio do caes.

Involvido pelas trevas da noite caminhava alguem em direcção a elle, cantando.

— Ahi está um meio de arranjar pão, pensou o miseravel. Vou esconder-me alli, n'aquelle recanto escuro. Quando passar perto de mim, dou-lhe para o atordoar, procuro-lhe nas algibeiras e...

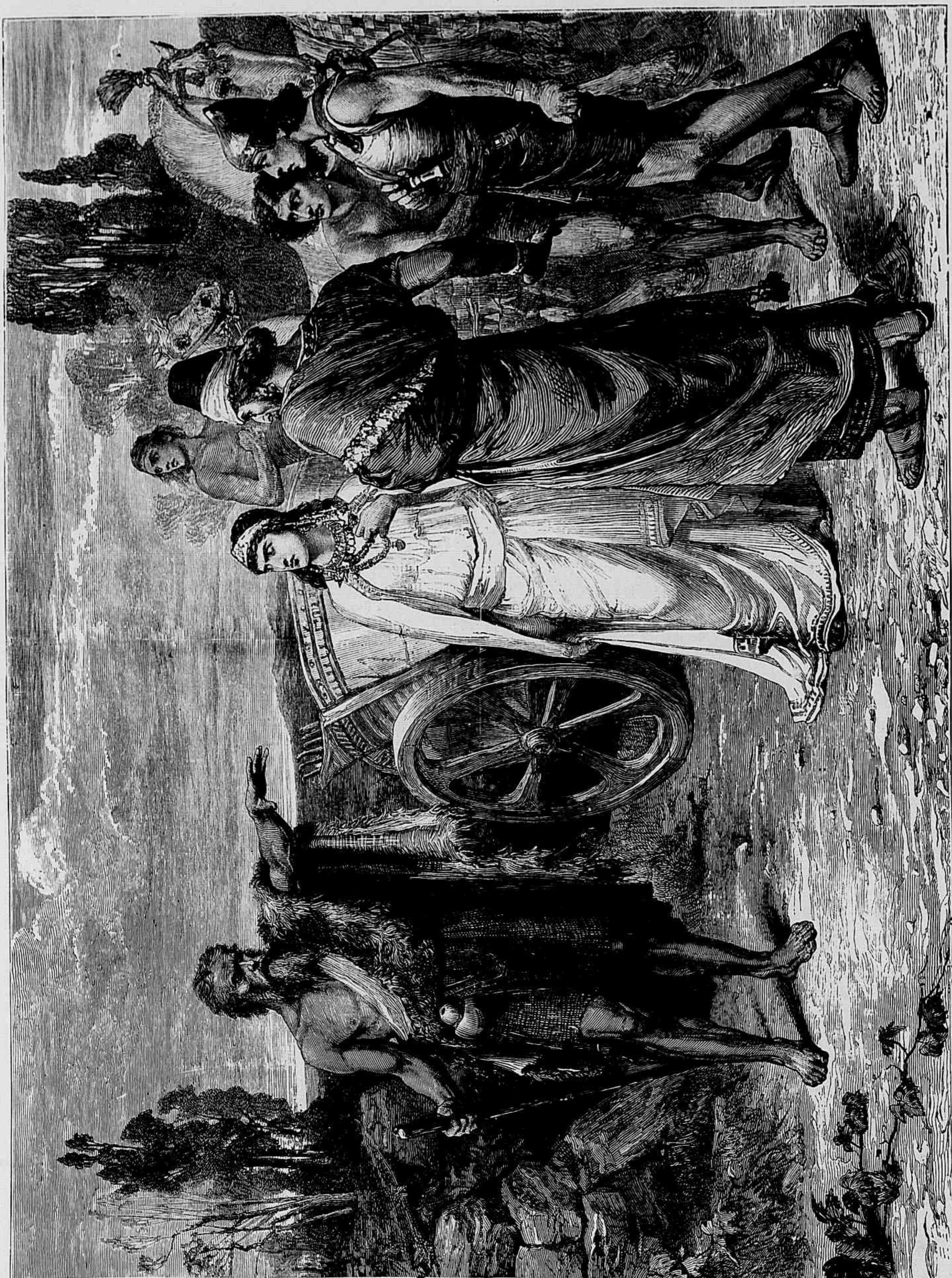
Não! não! não! não! gritou elle. Não quero! Bem basta um!

E correndo, tropeçando a cada passo, porque as forças começavam a extinguir-se-lhe totalmente, fugiu ao acaso gritando sempre meio soffocado:

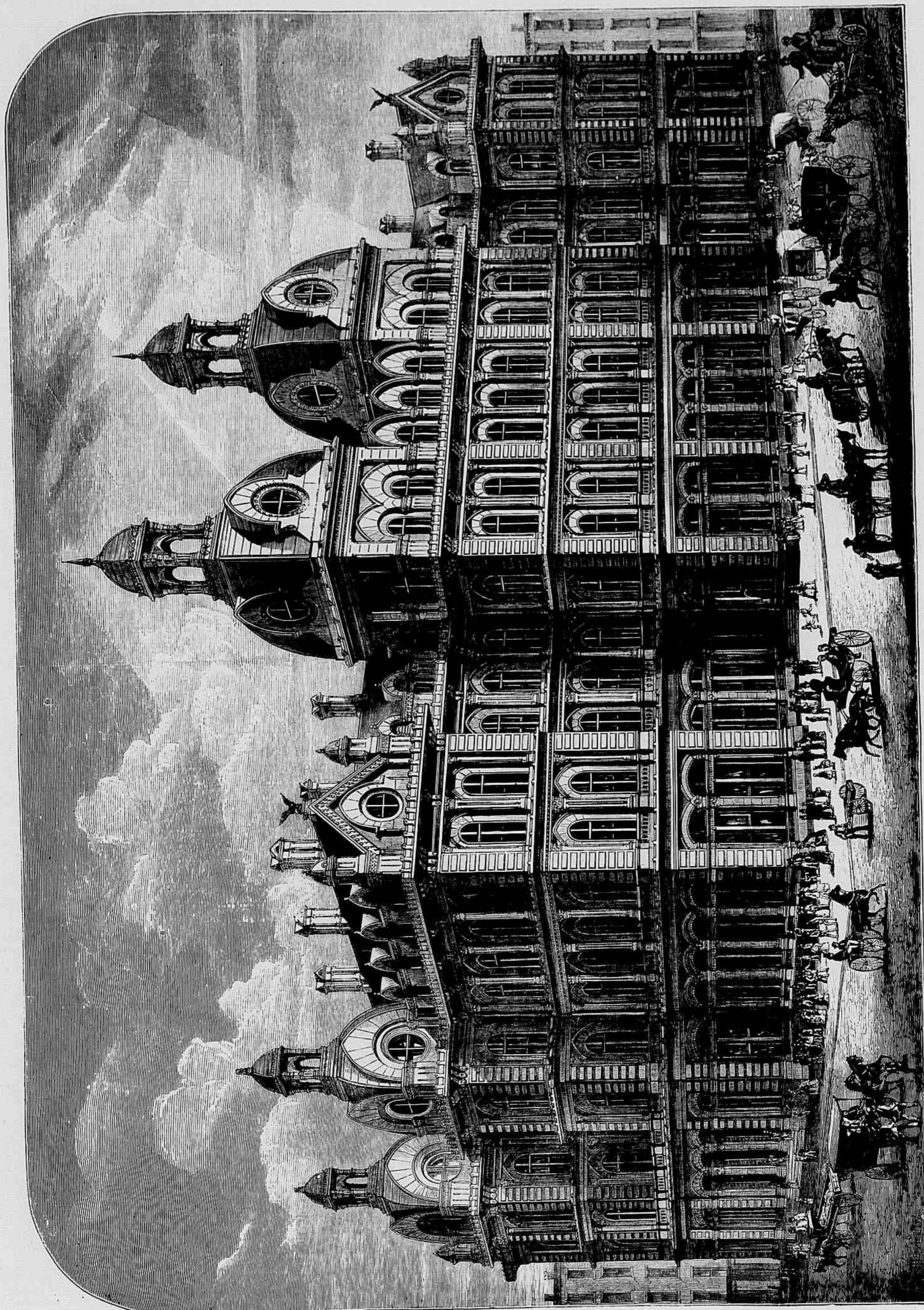
Não! não! não!

IX

Já era dia claro e Pedro achava-se encostado ao parapeito de uma das pontes. Quebrado de forças, morto de fadiga, sem animo, via correr a agua tristemente.



ELIAS, IZABEL E ACHAB NA VINHA DE NABOTH



O EDIFÍCIO DO CORREIO-GERAL DE CHICAGO. — (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Atravessavam-lhe o espírito mil pensamentos diversos

Padecia horrivelmente. Torturado pela fome, sentia vertigens e perguntava a si próprio se não valia mais a pena acabar com tudo por uma vez e precipitar-se no rio.

— Quer-me parecer que não havia de ser mao morrer, reflectiu. Por ventura vale a pena conservar esta vida? Não mais sentiria estes receios que me opprimem. Deixarei por uma vez de ter medo da polícia. Não virá a fome fazer-me cair n'outra... desgraça. Pois é necessário muito para evitar isto? Não. Basta um pequeno movimento, deixar-me cair e fico des cansado, dormirei eternamente, que ventura!

Ficou-se um instante immovel e fez depois um movimento como se quizera saltar pelo parapeito.

Tornou porem a ficar-se n'aquelle estado de completa desesperança e murmurou :

— Não, não tenho animo, só me faltava agora tornar-me covarde.

E lá foi andando, com um caminhar incerto, sem ver nada deante de si, indo de encontro aos que passavam e não tinham o cuidado de se affastarem d'elle.

Sem saber o que fazia, deixou-se cair n'um banco e repetio por varias vezes, baixinho.

— Pobre homem, coitado.

Sente um arranco sair-lhe do peito e comeca a chorar ardente mente sem ter o cuidado de esconder o rosto.

Dois individuos, com aspecto e modos dece didos, passavam por alli. Pararam um instante, examinaram com attenção aquelle homem lavado em lagrimas, que nem sequer os via, e surrteiramente agarrando-lhe os pulsos, lhe disseram.

— Pedro Sacouer, está preso.

Pedro levantou os olhos rasos de lagrimas, estendeu os pulsos ás algemas e dando um suspiro de verdadeiro allivio, disse :

— Obrigado.

CAMILLO DEBANS

ELIAS, ACHAB E IZABEL NA VINHA DE NABOTH

A rainha Izabel, depois de mandar assassinar a Naboth, convida o marido a ir á vinha para se aposse d'ella como herdeiro. Elias apparece-lhes n'aquelle logar e reprobra-lhes o acto criminoso.

O quadro de que a nossa gravura é copia exprime energeticamente a situação. O auitor compenetrou-se fielmente do caracter que a Biblia presta áquelles personagens.

O EDIFICO DO CORREIO EM CHICAGO

A 9 d'Abri de 1871 a cidade de Chicago ficou destruida em 20 horas por um incendio. Nenhum edifício publico se conservou de pé, nem um hotel, nem um só escriptorio de jornal, nem uma só construcção theatral ou semelhante sobreviveu á calamidade. No coração do inverno, 80:000 pessoas ficaram a descuberto errando pelas ruas; as perdas em propriedade foram avaliadas em mais de duzentos mil contos e o sistema universal de seguros contra fogos ficou abalado até aos alicerces. O mundo então disse : « — Levanta-te, nós

te ajudaremos. Renasce das cinzas » e renasceu. Os milhões acudiram de toda a parte, mas foi em si e nos seus habitantes que a cidade colheu a maior força para se rehabilitar.

De então para cí reconstruiu-se rapidamente. Hoje são numerosos os edifícios que adornam a cidade. N'outro numero fallaremos mais detidamente em muitos d'elles. Basta por hoje que digamos aos nossos leitores que o edifício do correio que lhes apresentamos é um dos mais completos no seu gênero, pela sua vastidão e accommodações especiaes.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

O Hellenismo e a Civilização christã, por J. P. OLIVEIRA MARTINS.

Resultado profícuo de persistentes e laboriosos estudos é o novo livro do sr. Oliveira Martins, como todos os seus livros precedentes. Como um vestibulo nobre adequado a um edifício de estructura severa, começa a obra por um longa introdução que é um theory de philosophia da historia. Não podemos no curto espaço de uma noticia succinta analysar essa theory, cujo valor merece de certo as provas de uma discussão demorada, e de reflectido exame.

Entrando no assumpto do livro, o author passa a definir o caracter grego da religião e da philosophia hellenicas, separando os elementos naturaes e proprios da raça hellenica, dos elementos de importação estranha, asiatica ou egypcia, compara a indole e os caracteres do hellenismo com a indole das religiões orientaes; explica a formação dos mythos naturalistas, e o apparecimento dos principios idealistas que elle considera de origem grega. Depois de estudar a Grecia, passa a estudar o judaismo, e o desenvolvimento da religião mosaica, pelo prophetismo e pelo messianismo, principal tronco do symbolismo christão. Depois de nos mostrar a oposição das idéas hellenicas a das idéas messianicas sustenta que da oposição d'essas idéas saiu o christianismo do quarto seculo, por uma especie de synthese incompleta, tendo havido interrupção, quebra na tradição da idéa grega, ou antes tendo-se exaurido o genio hellenico.

A necessidade d'essa interrupção explica-a o sr. Oliveira Martins pela lei historica, que exigia que se universalizasse a civilização pelo mundo europeo: a inoculação do symbolismo oriental, a deficiencia da revolução religiosa, o incompleto da solução moral e social, que produzio o obscurecimento da Idade Média, explica-os pelo atraço dos povos bárbaros que vindos do norte eram chamados a partilhar dos benefícios da civilização, e a entrar na comunhão humana e fraternal das idéas. Taes são tambem as conclusões que se podem tirar do livro do sr. Oliveira Martins, de que o resumido quadro cuja exposição acabamos de fazer poderá dar aos nossos leitores uma pequena idéa.

Tem este livro valor em si, e valor como symptom: valor em si porque representa estudo, reflexão, elevação de pensamento, grandeza de vistos: valor como symptom, porque prova que agita a Europa, a transformação da scienza e dos estudos historicos, que é uma das grandes glórias d'este seculo, e que é pela critica uma das bases das reformas politico-religiosas, que desde os fins do seculo dezoito vêm lenta e seguramente transformando o mundo europeo e americano, e que depois de generalisarem a civilização a todos os povos approximando-os, vêm dentro d'esses povos gradualmente approximando e fundindo as classes n'um grande impulso unificador, e n'um tendencia idealista ao mesmo tempo humana e religiosa; prova dizemos, que esse movimento scientifico também invade Portugal, e que n'este paiz esses estudos começam a ser apreciados devidamente, a serem estimados, e a influirem beneficamente na elevação do nível civilizador da nossa sociedade.

Um reparo porém devemos fazer, antes de concluir, porque nunca foi outro o fim da critica litteraria senão estimular á perfeição, quando não visa a discutir ou a corrigir as idéas. Se ao livro não falta a unidade que é a condição primordial de qualquer obra, falta-lhe contudo, a nosso ver, a concatenação logica, a ligação perfeita e regular de todas as partes que dá um todo

harmonico. Para corresponder perfeitamente ao titulo, parece-nos sensivel esta imperfeição. Não diríamos tanto, se o livro se intitulasse por exemplo: ESTUDOS SOBRE O HELLENISMO, E SOBRE A SUA INFLUENCIA NA CIVILISACAO CHRISTA, porque esses estudos, aspectos multiplos e truncados de uma vasta architectura não implicavam nem exigiam a harmonia regada do conjunto, mas nem por isso felicitamos menos o sr. Oliveira Martins pelo seu bello trabalho.

JOÃO TEDESCHI

VARIEDADES

Está-se preparando na America uma nova expedição arctica com o fim de se buscar as reliquias de John Franklin, sendo o commandante d'ella um jovem oficial de cavalaria, o tenente Schuertka.

Quando esteve destacado o anno passado na guerra contra os indios, leu uma noticia referente ao descobrimento de varias reliquias de Franklin em que se mencionava a probabilidade da existencia d'uma pedra mural nas regiões arcticas, do que resultou resolver-se a ir na pesquisá d'ellas.

Os donos dos navios que trouxeram essas reliquias estão promptos a prepararem a expedição e o tenente partirá em junho para a bahia Rebulse, com uma tripulação composta de seis brancos e vinte esquimauis bem armados, por isso que os viajantes esperam encontrar a tribo hostil dos Aquilas de raça selvagem, que se julga habitar proximo da pedra tumular. O navio passará o inverno na bahia de Repulse e o destacamento destinado á perquisa tenciona partir em maio, fazendo a viagem até á pedra em trênos, a qual se supõe estar distante de quatrocentas a setecentas milhas. Conta estacionar alli durante o venâo e o inverno e voltar na primavera de 1880 á bahia de Repulse para onde será enviado um segundo navio, caso o primeiro seja esmagado pelos gelos. A expedição espera estar de volta na America pelo outonmo de 1880.

* *

UM LIVRO CHINEZ ILLUSTRADO. — Circula actualmente na China, nos districtos não afectados pela fome um livro ilustrado representando calamidades com o fim de excitar as sympathias. Tem por titulo *Illustração da fome extraordinaria em Honan com o propósito de arrancar lagrimas d'um coração de ferro*. Contem doze horridos quadros representando os soffrimentos dos atacados pela fome. Vêem-se ali desgraçados e todos os graus de privação e miseria, comendo o madeiramento das casas, o musgo das arvores e até os corpos dos cadáveres. Os ultimos quadros apresentam magistrados socorrendo os famintos, com o auxilio das subcripções de caridade.

* *

Entre dois artistas :

— O Julio sim, esse é que trabalha. Não descansa nem de dia nem de noite.

— Podera! não tem mais nada que fazer.

* *

Duas meninas, fazendo serão, uma ao lado da outra :

— Estas chinelas que estás bordando são bem bonitas.

— Não são feias, mas as que Amelia está bordando para o pae são mais lindas e mais trabalhosas.

— Tambem que admiração! é mais feliz do que tu, o pae não tem senão uma perna.

Propriétaire-Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — A. QUANTIN et C°, rue St-Benoit. [492]

Papier de la maison Firmin-Didot et Cie.

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

PERIODICO MENSAL PUBLICADO COM A COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES ESCRIPTORES E ARTISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORUGAL E COLONIAS (Moeda forte)

| | |
|--------------------------------|-------------|
| Anno | 38000 réis. |
| Semestre | 18500 " |
| Trimestre | 800 " |
| Mez ou numero avulso | 300 " |

BRAZIL E AMERICA DO SUL (Moeda fraca)

| | |
|--------------------------------|--------------|
| Anno | 408000 réis. |
| Semestre | 58000 " |
| Trimestre | 38000 " |
| Mez ou numero avulso | 18000 " |

FRANÇA

E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

| | |
|--------------------------------|-------------|
| Anno | 46 francos. |
| Semestre | 8 " |
| Trimestre | 4 " |
| Mez ou numero avulso | 1 fr. 50 |

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Os assignantes de Lisboa ou Porto poderão, querendo, pagar os seus numeros no acto da entrega, na rasão de 300 réis por cada numero.

Os annuncios e assignaturas devem ser dirigidos em França ao Sr. Salomão Saragga, rue Lauriston, 11, PARIS. Em Portugal, ao Sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42, LISBOA; e no Brazil ao Sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, 83, RIO DE JANEIRO.

BENTO MORENO

COMEDIA DO CAMPO (SCENAS DO MINHO)

VOLUME I

Historia vulgar. — Vingança do morto — O brinco d'Ermelinda.
A cobra. — O eriado do cura. — O tio Agrella. — O ramo d'oliveira.
O canto do gallo. — O caso do Manoel do Eido.

VOLUME II

AMOR DIVINO (ESTUDO PATHOLOGICO D'UMA SANTA)

VOLUME III

(NO PRELO)

Antonio Figueiro. — A morte Negra. — O rei Absoluto. — O enterro d'um cão
Os ovos do recebedor da comarca.

Preço de cada volume : 500 réis

NOTA. — Os volumes da *Comedia do Campo*, já publicado vendem-se separadamente. Os pedidos podem ser dirigidos à Empreza Horas Românticas, Lisboa, rua da Atalaya, 42. O porte do correio é franco.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA DE INSTRUÇÃO E RECREIO CONTOS INFANTIS

Cada conto forma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas.

ACHAM-SE PUBLICADOS OS SEGUINTES

- CHÁ DE D. BICHANA, (2.ª edição) Preço 200 réis.
- JANTAR DOS TÓTÓS, (edição esgotada)..
- PINTAROXO, (edição esgotada).
- O CÃO PALHAÇO, (edição esgotada).
- HISTÓRIA DE JOÃO DE GATINHAS, (edição esgotada).
- ANSELMO, o RUIM. Preço 200 réis.
- HISTÓRIA DO BARBA AZUL. Preço 200 réis.
- O MENINO E OS GIGANTES. Preço 200 réis.
- ALADDIM OU A LAMPADA MARAVILHOSA. Preço 200 réis.
- AVVENTURAS DE UM ANÃO. Preço 200 réis.
- ALI-BABA OU OS 40 LADRÕES. Preço 200 réis.
- A PRINCEZA ENCANTADA. Preço 200 réis.
- A VELHINHA QUE MORAVA N'UM SAPATO.
- A CAZA DE JOÃO RATÃO.

NO PRÉLO

- A MAMÃ.
- O TARECO DE BOTAS.
- A GATA BORRALHEIRA.

À VENDA NA EMPREZA HORAS ROMÂNTICAS

Rua da Atalaya, 42, Lisboa

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

PAPEL RIGOLLOT

ou
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISSMO

Medalha de Prata
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO
Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA
Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875
Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas
Ambulâncias e hospitais militares,
pela marinha nacional fran-
ciza e pela marinha real
inglesa, etc., etc.

« Conservar à mostarda todas as suas pro-
priedades obter em poucos instantes com a
menor quantidade de medicamento possível
um efeito decisivo, cis os problemas resol-
vidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz
resultado. » (A.) Bouchardat, *Anuario de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos fregueses
que se acutalem contra o papel que se lhes
apresentar como podendo substituir o **papel**
Rigolot para **sinapismos**. O nosso papel
é o **único adoptado pelos hospitais**
cívicos e militares, a bordo dos navios do Estado.
E além disto o **único premiado nas exposições universaes** tendo obtido várias
medalhas de prata e uma de ouro e
recentemente um **diploma honorifico**.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver
áfrica de **Rigolot** deve ser recusado como
falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas
por uma tira de papel amarelo, que traz a
firma do inventor.

Exija-se esta firma. — *F. Rigolot.*

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24.
Paris.

Depositos : No Rio de Janeiro, Dupon-
chelle, em Pernambuco, Maurese e C^o.

CATAPLASMA LELIÈVRE

INSTANTANEA

APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

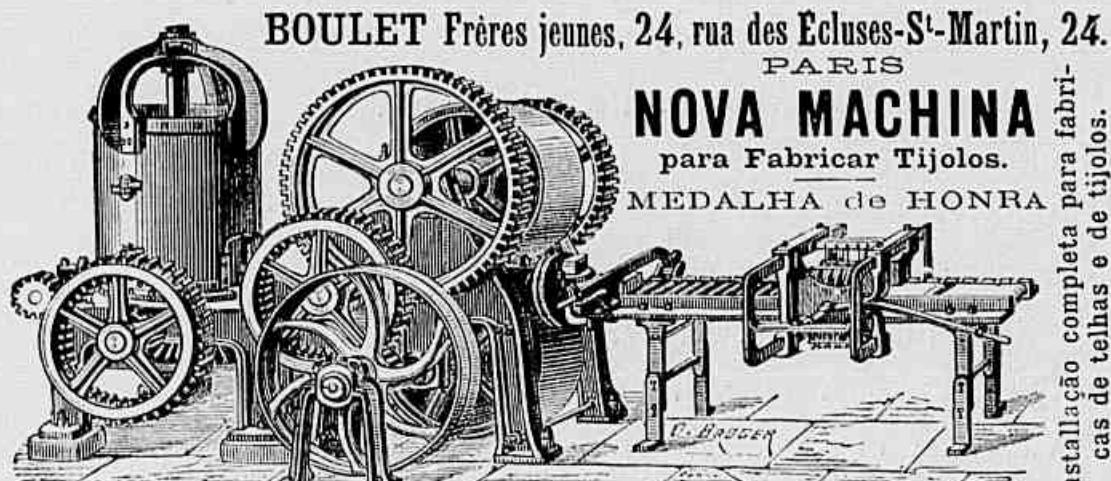
Adoptada pelo Ministério da Guerra,
pelas Ambulâncias e Hospitais e pelo Ministério da Marinha para o serviço da armada.

PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emoliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais comodo emprego,
não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO :

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho : em todas as Pharmacias.



Expedição franca de Catalogos ilustrados a quem os pedir por carta franqueada.

Perfumeria de Luxo. — Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE. — SAPOCETI, Sabonete de toucador. — Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba. — CRÈME de FRAISES para amaciaria a pelle. — Pós de CYPRISS para branquear a cutis. — STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba. — AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça. — SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA. — FLORES NOVAS para o lenço. — Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

GRANDE HOTEL

DO

BRAZIL. E PORTUGAL

RUE DE MONTHOLON, 30

PROPRIETARIO, L. LA PIERRE

PARIS

Este hotel situado no centro da Cidade, proximo dos caminhos de ferro e na vizinhança do *Square Montholon* acaba de ser novamente mobilado e organizado pelo seu novo proprietario que falla portuguez e pespanhol.

Accomodações independentes para famílias e quartos separados a preços modicos por dia ou por mez.

Comida por lista ou à meza redonda.

Completo sortimento de vinhos franceses portuguezes e hespanhóes.

ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado a Academia de Medicina de Paris e privilegiado em 1840. Recomendado ha mais de meio seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como um específico infalivel contra :
GOTTA E RHEUMATISMOS
allivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.
EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO
DEPOSITO GERAL i Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPABEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó
d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para
dar á pelle a frescura e o avellundado
da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — — sem borla.

A venda nas principaes lojas de perfumarias.

Ch. Fay

9, RUA DE LA PAIX, 9

Paris

MEDALHA DE PRATA

Exposição Internacional de Paris 1875.

TRATAMENTO CURATIVO

da

PHTISICA PULMONAR

Em todos os grados e em geral de todas as doenças do Peito e da Garganta

POR MEIO DO

SILPHIUM CYRENAICUM

Experimentado pelo Dr Laval e adoptado nos Hospitais de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR DERODE & DEFFÈS, PHARMACEUTICOS DE 1^ª CLASE

Paris — 2, rue Drouot, 2, — Paris.

O Silphium administra se em Granulos, Tintura e em Pd.

Em Rio-Janeiro : Ruffier-Martelet e C^o. — Em Bahia : Lima Irmaos e C^o. — Em Pernambuco : Bartolomeo e C^o.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Da ao cabello uma cor natural, destroea a caspa e conserva o caso no um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas

tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assinatura do **Doutor A. Holtz**.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14